



BADEN-POWELL - CIDADÃO DO MUNDO

Todo o Escuteiro deve preparar-se para ser bom cidadão do seu país e do mundo. Escutismo para rapazes – Palestra de Bivaque nº 26



Editorial

Carlos Nobre
Castor inteligente

Pronta! Fechada! Aqui está a terceira newsletter dos formadores do CNE!

De novo, em silêncio, mansamente, sem pressas, este elo de ligação entre todos nós, entra nos nossos computadores. Nada pede, nada exige. Fica a aguardar que a vontade de um "clic" a manifeste... e o objectivo não é apenas estar presente, mas ser presente em cada um.

Estamos num novo ano, ainda fresquinho e não vai ser um ano qualquer. Este ano de 2011 é o ano europeu do voluntariado e da cidadania activa. Refere a Resolução do Conselho de Ministros nº 62/2010: "A cidadania activa constitui um elemento chave do reforço da coesão social e da consolidação da democracia. (...) As actividades de voluntariado constituem uma experiência enriquecedora, permitindo o desenvolvimento de capacidades e competências sociais e para o reforço da solidariedade. (...) A expressão «actividades de voluntariado» refere-se a todos os sectores da actividade voluntária, formais ou não formais, realizadas por vontade própria das pessoas interessadas, por sua livre escolha e motivação e sem fins lucrativos". Nós no CNE dizemos isto de uma forma mais simples: "Sempre Alerta para Servir!" e como cristãos podemos dizer que se trata apenas de pôr em prática o convite de Jesus no Evangelho: "Recebestes de graça, dai de graça!" (Mt 10,8) Fica o desafio de partilhádes connosco as vossas experiências...

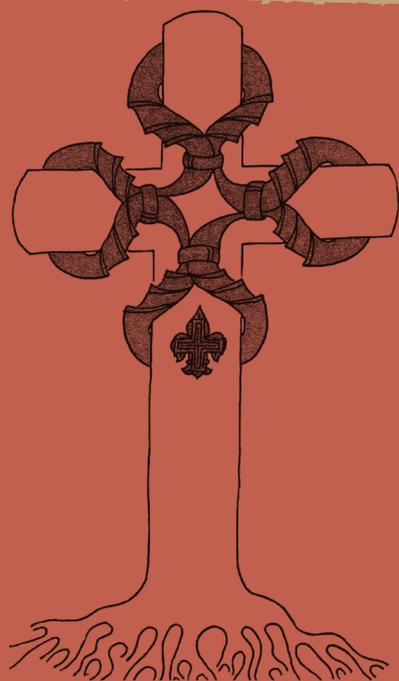
Este é também o mês de B.P. A 22 de Fevereiro vamos celebrar o seu 154º aniversário! Em 1923, no Rover Moot, em Birmingham, disse aos caminheiros presentes: "Um princípio que muitas vezes me tem guiado pela vida fora, é o de olhar em redor de duas maneiras: mais alto e mais além. Começai por "mais além". Tende vistas largas, para além das vossas proximidades imediatas e dos seus limites, e vereis as coisas na sua verdadeira proporção. E, para completar, olhai "mais alto", acima do nível das coisas que vos cercam, e vereis uma finalidade e uma possibilidade mais elevadas para o vosso trabalho – a saber, servir a Deus." Não ganhará, afinal, uma nova e última razão, com estas palavras de B.P., este ano do voluntariado?

No início de um ano de dificuldades, que já se sentem, subjogados por esse medo, parece que perdemos a alegria, o sentido da gratuidade, a capacidade de esvaziamento para o espanto, a vacatura para o novo e para a fruição da vida na sua densidade e plenitude. É como que um não viver! Queria deixar-vos, a este propósito, um pensamento do teólogo Dietrich Bonhoeffer acerca da vida, que ele resume como a contínua necessidade que temos de descobrir o que nos dá acesso à "polifonia da vida". E esta chave parece-me encontrar-se nas palavras de Jesus: "Não vos preocupeis com a vida, quanto ao que haveis de comer, nem com o corpo quanto ao que haveis de vestir. (...) Olhai os corvos; eles não semeiam nem colhem, não têm celeiro nem depósito; mas Deus os alimenta. Quanto mais valeis vós do que as aves!" (Lc 12,22)

Quando rezares

Escutismo e Oração

Equipa Goodyear



O melancólico Fevereiro

A melancolia de Fevereiro nem sempre convida ao optimismo. Contudo, porque este mês mais pequeno se situa a meio do ano escutista, é uma boa oportunidade e um bom momento para se fazer uma reflexão e uma avaliação sobre o seu desenvolvimento. Importa que, em cada Unidade, se faça o confronto do plano com a realidade. É preciso fazê-lo com lucidez, ponto a ponto, sem ceder ao pessimismo. No entanto, entre outros, há um domínio em que isto se torna mais difícil: o esforço para a oração que, no início do ano escutista, tínhamos definido como indispensável à vida da uma Unidade. Muitos dirigentes experimentam o sentimento de nunca conseguirem, e é por isso que vos proponho algumas balizas para, nesta área, facilitar a reflexão e orientar a acção.

Balizas de reflexão

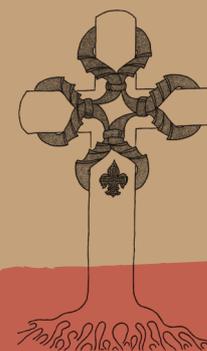
Um muçulmano, por exemplo, reza cinco vezes por dia, com todo o seu corpo, assumindo e proclamando a sua fé. E um cristão? E um Escuteiro cristão? Será a nossa fé menor? Então como poderá um Escuta dizer que se "orgulha da sua fé" se ele não reza?

A oração é essencial à vida escutista como o é a toda a vida cristã. Daí que seja, pois, necessário colocar bem o problema e, sobretudo, recordarmos que toda a oração é um diálogo com Deus. Aliás, o Escuta não saberá rezar, isto é, fazer oração sem que antes desperte para o sentido de Deus e da sua presença. Rezar não é dialogar com um princípio ou com uma abstracção: é preciso que façamos com que os nossos jovens descubram que Deus não é uma ideia, mas uma pessoa viva e uma pessoa muito próxima deles.

Toda a oração cristã passa por Cristo: «ninguém vai ao Pai senão por Mim» diz Jesus (Jo 14,6). Torna-se, então, necessário que Cristo se torne familiar, próximo, real, para os nossos jovens escuteiros. Para que isso aconteça é necessário fazer com que eles O descubram no e a partir do Evangelho. E, concomitantemente, fazê-los tomar consciência da presença de Cristo, Filho de Deus vivo, na Eucaristia. É mais fácil pelo Evangelho, para o qual toda a vida escutista prepara, e mais difícil pela Eucaristia. Mas é indispensável que aconteça.

Um dos caminhos que podemos seguir é o de insistirmos junto dos nossos jovens para que orem enquanto Escuteiros como Escuteiros, isto é, não como intelectuais, mas com todo o seu corpo, do qual conhecem a sua dignidade e importância. Dêem-lhes, pelo vosso exemplo e testemunho, o sentido dos gestos sagrados, como por exemplo o de um sinal da cruz bem feito, o de uma bela postura do corpo, o de uma dicção clara. Porque o Escuta não deixa nada pela metade, a sua oração será feita mais do que com palavras ou pensamentos, mas sobretudo com toda a sua pessoa como um dom total de si mesma.

Pela mesma razão, não nos esqueçamos de cuidar da existência em campo de espaços «sagrados»: cruzeiros ou oratórios bem feitos, onde a técnica escutista (construções, pioneirismo, etc.) pode ajudar e muito, limpos, de-



corados ou floridos, afastados o suficiente para aí encontrarmos silêncio ou recolhimento, e próximos o suficiente para estarem presentes na vida do acampamento.

Não tenhamos receio de recordar aos jovens que o Senhor Jesus prometeu estar presente entre nós, sempre que estivermos reunidos para rezar em seu nome. É uma verdadeira promessa: «Porque onde se acham dois ou três reunidos em Meu nome, aí estou Eu no meio deles» (Mt 18,20). Esta é também uma presença verdadeira pelo que se deve explicar aos jovens o sentido sagrado desta presença.

Algumas sugestões

Tudo isto é muito bonito – e verdadeiro – mas não nos permite sair do nível dos grandes princípios. O nosso problema permanece e é bem real: como fazer com que os nossos jovens rezem?

Se tu próprio, enquanto dirigente, deres lugar à oração na tua vida, encontrarás ideias para levar à oração aqueles que se encontram à tua volta. É uma simples questão de imaginação e aqui ficam algumas sugestões para estimular a tua.

Porque não começar e terminar o acampamento por uma bela oração, bem enraizada no local e na vida do próprio campo? Uma oração que seja bem preparada e por todos e em que não sejam só os dirigentes a fazê-la. Uma oração que, na memória de cada Escuteiro, fique como a daquele acampamento, também enriquecida por todas as lembranças do mesmo. Porque não abrir cada Fogo de Conselho com uma bela oração sobre o fogo? Esta oração deve ser nova e diferente em cada noite, e construída por cada patrulha ou equipa à vez. Mas também pode ser uma oração própria de cada Unidade, que rezada em cada noite, se torna numa das suas mais ricas tradições.

Porque não fazer do oratório a melhor construção do acampamento? Com beleza e sobriedade! E aí se encontrarem todos em campo, de manhã para a oração da manhã e à noite para a oração da noite, na simplicidade de uma família reunida. O meu grupo tinha um belo costume: a oração da noite era feita, em conjunto, à volta do altar e da cruz. Depois, aparentemente sem ordem, mas em silêncio, deslocávamo-nos para o oratório de Nossa Senhora e em semi-círculo, deixávamos pacificar todo o ruído e, na beleza da noite, cantávamos suavemente a Nossa Senhora. Depois, após o sinal da cruz, terminávamos a oração e íamos para as tendas, silenciosamente. Não esqueci estas «procissões» das noites de campo em que participei e tenho a certeza que muitos dos meus Escuteiros também as guardaram na sua memória.

Porque não, noutras circunstâncias ou em ocasiões diferentes, optar por outros espaços, como subir em direcção a um lugar de oração previamente preparado? A Unidade pode reunir-se aí, quando deixa o campo para fazer um jogo ou um passeio ou um raid, a fim de colocar a sua actividade sob a protecção de Deus. Também se pode sugerir este gesto a uma patrulha ou mesmo a cada um dos Escutas que partem em raid, ou a uma equipa que acaba de ganhar um jogo e quer manifestar e celebrar a sua

alegria.

E porque não, aquando de uma caminhada em grupo ou em equipa, fazer a saudação ao passar por um cruzeiro ou por umas alminhas? Antigamente esta era uma regra sagrada nos Escuteiros. Melhor ainda: podemos parar, perceber por que estes sinais se encontram nesse lugar, e fazer uma oração para agradecer por exemplo a bela paisagem que desfrutamos ou simplesmente ter um momento de silêncio. E se houver tempo, porque não ajudar à limpeza do local ou decorá-lo com flores? O importante é que os jovens o percebam como um sinal de fé e da presença de Deus nas suas vidas.

E, se passamos perto de uma igreja, porque não entrar por uns momentos? Ter um breve tempo de recolhimento e de oração. Como quem vai saudar um amigo quando passa por sua casa. E depois admirá-la!

Amar a oração...

É, pois, como um diálogo amigável com Deus que a oração deve ser proposta aos jovens. Nunca como um mero ritual. Baden-Powell expressou-o muito bem: «Façam com que as orações brotem do coração em lugar de serem ditas de cor» (Faites que les prières viennent du coeur, au lieu d'être récitées par coeur.).

Os jovens nunca se oferecerão para orações em que apenas se murmuram "país-nossos" ou se desfilam ladainhas. Eles nunca se abrirão à oração se esta não se tornar para eles a expressão sincera da sua amizade com Deus, mais, de um amor verdadeiro com Ele.

A oração, nas actividades escutistas, deve nascer das vivências reais e objectivas dessas mesmas actividades. É sobre essa trama que devemos tecer a oração de campo e sobre ela inscrever toda a vida do acampamento ou de outra actividade, com todos os seus acontecimentos, as suas tristezas e as suas alegrias. É preciso transformar todas as ocasiões, em campo (sem excesso obviamente), em motivos de oração. O jovem descobrirá assim que a oração é tão natural como respirar. Os dirigentes não lhe terão explicado isto; mas terão feito muito melhor: terão proporcionado aos jovens esta vivência.

Só agindo deste modo os dirigentes serão fiéis aos princípios do Escutismo. E terão feito eco do que escreveu Guy de Larigaudie em "Etoile au Grand Large", que devemos reler frequentemente. Escreve ele que uma religião negativa do tipo "não faças isto, não faças aquilo, não é certo", não tem qualquer credibilidade junto dos nossos jovens. É a partir de uma relação pessoal que o amor a Deus se manifesta, permitindo que esse profundo amor, tão profundo e tão intenso, faça brotar dos seus lábios, ao longo do dia, a sua oração. E isto é positivo, é estruturante no jovem e vai "permitir-lhes manterem-se de pé perante os ventos e marés..." da vida. Como dizia Michel Menu: «Se tu rezares, então eles tornar-se-ão santos» porque «se tu caminhas, eles passar-te-ão à frente».

Tradução adaptada de Jean-Pierre Normand, Scoutisme au fil des jours, Editions C.L.D., 1990



Bibliografia

História de uma gaivota e do gato que a ensinou a voar

Matilde Santos
Mocho paciente

Num misto de fábula e de parábola, esta *"História de uma gaivota e do gato que a ensinou a voar"*¹ oferece-nos um imaginário rico e poético, que pode ser utilizado como pano de fundo nas mais diversas acções de formação, sejam elas cursos, foruns, encontros formais ou informais, indabas ou outras. O objectivo não é ficar a conhecer este livro, embora ficar a conhecer um livro – conhecer no sentido de o ler, interpretar e meditar – seja já de si um bom objectivo. Mas o que se pretende com este artigo é partilhar um manancial de textos que podem servir como ponto de partida para profundos espaços de reflexão sobre diversas temáticas escutistas. Como na utilização de qualquer imaginário, há que estarmos atentos para o perigo de nos deixarmos levar pela história e não irmos a lado nenhum na reflexão do tema base, da temática de fundo. E esta situação acontece mais vezes do que seria desejável. Por isso, deixo aqui este alerta: este livro no seu todo ou os vários textos que dele se podem extrair constituem-se óptimos motores de arranque para uma reflexão, mas não são o fim da reflexão. Não confundámos, pois, os fins com os meios.

A cada pequeno extracto do livro associo algumas interpelações. Vós podeis associar outras. O importante é que se criem espaços e momentos de partilha e reflexão que nos ajudem a todos a consciencializar melhor a nossa missão, a nossa vocação e a nossa função. Também por aqui passa a nossa educação e a nossa formação enquanto adultos no CNE.

“

O gato grande, preto e gordo estava a apanhar sol na varanda, ronronando e meditando acerca de como se estava bem ali, recebendo os cálidos raios pela barriga acima, com as quatro patas muito encolhidas e o rabo estendido.

No preciso momento em que rodava preguiçosamente o corpo para que o sol lhe aquecesse o lombo ouviu o zumbido provocado por um objecto voador que não foi capaz de identificar e que se aproximava a grande velocidade. Atento, deu um salto, pôs-se de pé nas quatro patas e mal conseguiu atirar-se para um lado para se esquivar à gaivota que caiu na varanda. (...)

- Vou pôr um ovo. Com as últimas forças que me restam vou pôr um ovo. Amigo gato, vê-se que és um animal bom e de nobres sentimentos. Por isso, vou pedir-te que me faças três promessas. Fazes? – grasnou ela, sacudindo desajeitadamente as patas numa tentativa falhada de se pôr de pé.

Zorbas pensou que a pobre gaivota estava a delirar e que com um pássaro em estado tão lastimoso ninguém podia deixar de ser generoso.

- Prometo-te o que quiseres. Mas agora descansa – miou ele compassivo.

- Não tenho tempo para descansar. Promete-me que não comes o ovo – grasnou ela abrindo os olhos.

- Prometo que não te como o ovo – repetiu Zorbas.

- Promete-me que cuidas dele até que nasça a gaivotinha.

- Prometo que cuido do ovo até nascer a gaivotinha.

- E promete-me que a ensinas a voar – grasnou ela fitando o gato nos olhos. Então Zorbas achou que aquela infeliz gaivota não só estava a delirar, como estava completamente louca.

- Prometo ensiná-la a voar.

> Deixar-se interpelar por uma missão...

> Discernir a missão / vocação para a qual cada um é chamado...

> Conhecer, com verdade, a missão que é proposta ao adulto no CNE...

Os quatro gatos desceram do telhado para a varanda e imediatamente compreenderam que haviam chegado tarde. Colonello, Sabetudo e Zorbas observaram com respeito o corpo sem vida da gaivota, enquanto Secretário agitava o rabo ao vento para lhe tirar o cheiro a benzina.

- Acho que devemos juntar-lhe as asas. É o que se faz nestes casos – indicou Colonello.

Vencendo a repugnância que lhes provocava aquele ser impregnado de petróleo, uniram-lhe as asas ao corpo e, ao mexer-lhe, descobriram o ovo branco com pintinhas azuis.

- O ovo! Chegou a pôr o ovo! – exclamou Zorbas.

- Meteste-te numa boa embrulhada, caro amigo. Numa boa embrulhada! – avisou Colonello.

- Que vou eu fazer com o ovo? – perguntou Zorbas cada vez mais aflito.

- Com um ovo podem fazer-se muitas coisas. Uma omeleta, por exemplo – propôs Secretário.

- Ah, sim! Uma vista de olhos pela enciclopédia logo nos dirá como preparar a melhor das omeletas. O tema aparece no tomo dezasseis, letra «O» – garantiu Sabetudo.

- Disse nem miar! O Zorbas prometeu a essa pobre gaivota que cuidaria do ovo e da gaivotinha. Uma promessa de honra contraída por um gato do porto obriga todos os gatos do porto, e por isso o ovo diz-nos respeito – declarou solenemente Colonello. (...)

Zorbas ficou na varanda, com o ovo e a gaivota morta. Estendeu-se com muito cuidado e puxou o ovo para junto da barriga. Sentia-se ridículo. Pensava na troça que os dois gatos malvados que tinha enfrentado de manhã fariam se o vissem.

Mas uma promessa é uma promessa e, assim, aquecido pelos raios do sol, foi-se deixando adormecer com o ovo branco com pintinhas azuis muito chegado à sua barriga preta.

> Que significa compromisso...

> Como se chega à assunção de um compromisso...

> Perspectiva pessoal e comunitária do compromisso...

> Viver, hoje, a promessa escutista...

Muitos dias passou o gato grande, preto e gordo deitado junto do ovo, protegendo-o, aproximando-o de si muito suavemente com as suas patas peludas de cada vez que um movimento involuntário do corpo o afastava alguns centímetros. Foram longos e incómodos dias que às vezes se lhe afiguraram totalmente inúteis, pois via-se a cuidar de um objecto sem vida, de uma espécie de frágil pedra, embora fosse branca e com pintinhas azuis.

Ocasionalmente houve em que, entorpecido pela falta de movimentos, já que, segundo as ordens de Colonello, só abandonava o ovo para ir comer e visitar o caixote onde fazia as suas necessidades, sentiu a tentação de verificar se dentro daquela bolinha de cálcio crescia efectivamente um filho de gaivota. Então aproximou uma orelha do ovo, e depois a outra, mas não conseguiu

1) História de uma gaivota e do gato que a ensinou a voar, Luís Sepúlveda, Edições Asa

ouvir nada. Também não teve sorte quando tentou ver o interior do ovo pondo-o à contraluz. A casca branca com pintinhas azuis era grossa e não deixava transparecer absolutamente nada. (...)

Ao entardecer do dia número vinte Zorbas dormitava, e por isso não percebeu que o ovo se movia, como se quisesse pôr-se a rolar pelo chão.

Acordou com umas cócegas na barriga. Abriu os olhos e não pôde deixar de dar um salto quando viu que, por uma greta do ovo, aparecia e desaparecia uma pontinha amarela.

Zorbas pegou no ovo entre as patas da frente e viu assim como a avezinha dava picadas até abrir um buraco por onde enfiou a diminuta cabeça branca e húmida.

- Mamã! – grasnou a gaivotinha.

Zorbas não foi capaz de responder. Sabia que a cor da sua pele era preta, mas achou que a emoção e o rubor que o invadiam o transformavam num gato lilás.

> Tomar consciência das vidas que despertam nas mãos de um dirigente do CNE...

> Ser capaz de entrega, dedicação, paciência, perseverança na nossa missão...

> Alimentar o dia-a-dia com confiança e esperança na nossa acção...

Depois de uma curta deliberação concordaram em que Zorbas e a gaivotinha viveriam no bazar até que ela aprendesse a voar. Zorbas iria ao seu apartamento todas as manhãs para que o humano não se alarmasse, e depois voltaria para tratar dela.

- Não seria mau que o passarito tivesse um nome – sugeriu Secretário.

- É exactamente o que eu ia propor. Receio que tirar-me os miados da boca seja superior às suas forças – queixou-se Colonello.

- Estou de acordo. Deve ter um nome, mas antes é preciso saber se é macho ou fêmea – miou Zorbas.

Ainda não havia acabado de miar e já Sabetudo tinha atirado da estante um volume da enciclopédia: era o volume vinte, correspondente à letra «S», e passava as páginas à procura da palavra «sexo».

Infelizmente a enciclopédia não dizia nada sobre o modo de reconhecer o sexo de uma cria de gaivota.

- Temos de reconhecer que a tua enciclopédia não nos serviu de muito – queixou-se Zorbas.

- Não admito dúvidas sobre a eficácia da minha enciclopédia! Todo o saber está naqueles livros – respondeu Sabetudo, ofendido.

- Gaivota. Ave marinha. O Barlavento! O único que nos pode dizer se é macho ou fêmea é o Barlavento – garantiu Secretário.

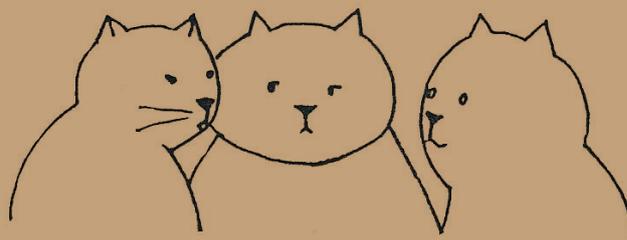
- É exactamente o que eu ia miar. Proíbo-o de continuar a tirar-me os miados da boca – resmungou Colonello. (...)

- Moin! – apresentou-se Barlavento, que gostava de miar «bom dia» no rijo e ao mesmo tempo doce dialecto de Hamburgo.

- Até que enfim que chegas, capitano, nem sabes quanto precisamos de ti! – cumprimentou Colonello.

Contaram-lhe rapidamente a história da gaivota e das promessas de Zorbas, promessas que, repetiram, os comprometiam a todos.

Barlavento ouviu com movimentos contristados da cabeça. (...)



- E que posso eu fazer por esse pobre pássaro? – perguntou Barlavento.

- Só tu, que conheces os segredos do mar, nos podes dizer se o passarito é macho ou fêmea – respondeu Colonello.

Levaram-no até junto da gaivotinha, que dormia satisfeita depois de dar conta de uma lula trazida por Secretário, que, seguindo as instruções de Colonello, se encarregava da sua alimentação.

Barlavento estendeu uma pata dianteira, examinou-lhe a cabeça e seguidamente levantou as penas que começavam a crescer-lhe na rabadilha. O passarito procurou Zorbas com olhos assustados.

- Pelas patas de caranguejo! – exclamou divertido o gato do mar. – É uma linda passarita que virá a pôr tantos ovos quantos os pêlos que tenho no rabo!

Zorbas lambeu a cabeça da pequena gaivota. Lamentou não ter perguntado à mãe o nome dela, pois se a filha estava destinada a prosseguir o voo interrompido pela negligência dos humanos, seria bonito que tivesse o mesmo nome da mãe.

- Considerando que a avezinha teve a dita de ficar sob a nossa protecção – miou Colonello –, proponho que lhe chamemos Ditossa.

> A importância do nome, da individualidade, da personalidade no Escutismo...

> Reconhecer capacidades e competências nos outros...

Ditossa cresceu depressa, rodeada do carinho dos gatos. Um mês depois de viver no bazar de Harry, era uma jovem e esbelta gaivota de sedosas penas cor de prata.

Quando alguns turistas visitavam o bazar, Ditossa, seguindo as instruções de Colonello, ficava muito quieta entre as aves embalsamadas simulando ser uma delas. Mas à tarde, quando o bazar fechava e o velho lobo do mar se retirava, deambulava com o seu passo bamboleante de ave marinha por todas as salas, maravilhando-se diante dos milhares de objectos que por lá havia, enquanto Sabetudo consultava e tornava a consultar livros à procura de um método para Zorbas a ensinar a voar.

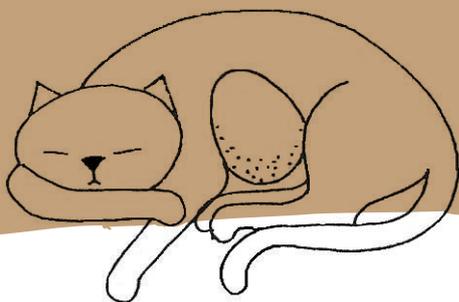
- Voar consiste em empurrar o ar para trás e para baixo. Claro! Já temos alguma coisa importante – murmurava Sabetudo de nariz enfiado nos livros.

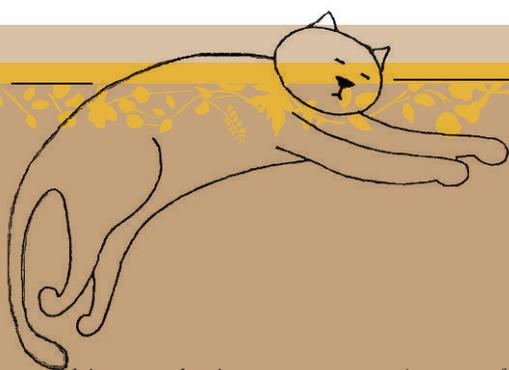
- E porque é que hei-de voar? – grasnava Ditossa com as asas muito coladas ao corpo.

- Porque és uma gaivota e as gaivotas voam – respondia Sabetudo. – Parece-me terrível, terrível!, não sabes.

- Mas eu não quero voar. Também não quero ser gaivota – discutia Ditossa. – Quero ser gato, e os gatos não voam. (...)

- Tu és uma gaivota. Nisso o chimpanzé tem razão, mas só nisso. Todos gostamos de ti, Ditossa! E gostamos de ti porque és uma gaivota, uma linda gaivota. Não te contradissemos quando te ouvimos grasnar que és um gato, porque nos lisonjeia que queiras ser como nós; mas és diferente, e gostamos de que sejas diferente. Não pudemos ajudar a tua mãe, mas a ti sim. Protegemos-te desde que saíste da casca. Demos-te todo o nosso carinho sem nunca pensarmos em fazer de ti um gato. Queremos-te gaivota. Sentimos





que também gostas de nós, que somos teus amigos, a tua família, e é bom que saibas que contigo aprendemos uma coisa que nos enche de orgulho: aprendemos a apreciar, a respeitar e a gostar de um ser diferente. É muito fácil aceitar e gostar dos que são iguais a nós, mas fazê-lo com alguém diferente é muito difícil, e tu ajudaste-nos a consegui-lo. És uma gaivota e tens de seguir o teu destino de gaivota. Tens de voar. Quando o conseguires, Ditosa, garanto-te que serás feliz, e então os teus sentimentos para connosco e os nossos para contigo serão mais intensos e belos, porque será a amizade entre seres totalmente diferentes.

- Tenho medo de voar – grasnou Ditosa endireitando-se.

- Quando isso acontecer eu estarei contigo – miou Zorbas lambendo-lhe a cabeça. – Prometi isso à tua mãe.

A jovem gaivota e o gato grande, preto e gordo começaram a andar. Ele lambia-lhe a cabeça com ternura e ela cobriu-lhe o dorso com uma das suas asas estendida.

> Educar não se conjuga com réplicas ou clonagens...

> Aceitar a diferença como oportunidade...

> Interculturalidade e inclusão social...

Ditosa estava ali prestes a tentar o seu primeiro voo, porque na última semana tinham ocorrido dois factos que fizeram com que os gatos compreendessem que a gaivota desejava voar, embora ocultasse muito bem o seu desejo.

O primeiro aconteceu certa tarde em que Ditosa acompanhou os gatos a apanhar sol no telhado do bazar de Harry. Já tinham desfrutado dos raios de sol durante uma hora quando viram três gaivotas voando lá em cima, muito lá no alto.

Eram belas de ver, majestosas, recortadas contra o azul do céu. (...) De repente os gatos deixaram de olhar para o céu e poisaram os olhos em Ditosa. A jovem gaivota observava o voo das suas congéneres e, sem se dar conta disso, estendia as asas.

- Olhem para aquilo. Quer voar – comentou Colonello.

- Sim, já é tempo de voar – aprovou Zorbas. – Já é uma gaivota grande e forte.

- Ditosa, voa! Tenta! – animou-a Secretário.

Ao ouvir os miados dos seus amigos, Ditosa dobrou as asas e aproximou-se deles. Deitou-se ao pé de Zorbas e começou a fazer um ruído com o bico fingindo ronronar.

O segundo facto deu-se no dia seguinte, quando os gatos estavam a ouvir uma história de Barlavento. (...)

Havia cinco dias e cinco noites que estávamos no meio do temporal, sem saber se navegávamos para o litoral ou se estávamos a entrar pelo mar adentro. Então, quando já nos sentíamos perdidos, o timoneiro viu o bando de gaivotas. (...)

Ditosa, que seguia sempre com muita atenção as histórias do gato do mar, escutava-o de olhos muito abertos.

- As gaivotas voam em dia de tempestada? – perguntou ela.

- Pelas descargas das enguias! As gaivotas são as aves mais fortes do universo – assegurou Barlavento. – Não há pássaro que saiba voar melhor que uma gaivota.

Os miados do gato de mar penetravam fundo no coração de Ditosa. Batia no chão com as patas e movia o bico nervosamente.

- Queres voar, menina? – inquiriu Zorbas.

Ditosa olhou-os um a um antes de responder.

- Quero! Por favor, ensinem-me a voar!

Os gatos miaram a sua alegria e meteram logo patas à obra. Haviam esperado longamente por aquele momento. Com toda a paciência que caracteriza os gatos, tinham esperado que a jovem gaivota lhes comunicasse os seus desejos de voar, porque uma ancestral sabedoria os levava a compreender que voar é uma decisão muito pessoal.

> Querer crescer é uma descoberta pessoal...

> Saber esperar, de forma activa, pelo momento certo...

> A importância de trilhos e percursos pessoais...

- Antes de começarmos, vamos rever pela última vez os aspectos técnicos – miou Sabetudo.

Do alto de uma estante, Colonello, Secretário, Zorbas e Barlavento observavam atentamente o que acontecia lá em baixo. Estavam lá Ditosa, de pé numa extremidade de um corredor a que tinham posto o nome de pista de descolagem, e Sabetudo na outra extremidade, inclinado sobre o volume doze, letra «L», da enciclopédia. O volume estava aberto numa das páginas dedicadas a Leonardo Da Vinci e via-se nelas um curioso artefacto que o grande mestre italiano baptizara de «máquina de voar».

- Por favor, vamos verificar primeiro a estabilidade dos pontos de apoio A e B – indicou Sabetudo.

- Verificando pontos de apoio A e B – repetiu Ditosa saltando primeiro sobre a pata esquerda e depois sobre a direita.

- Perfeito. Agora vamos verificar a extensão dos pontos C e D – miou Sabetudo, que se sentia tão importante como um engenheiro da NASA.

- Verificando extensão dos pontos C e D – obedeceu Ditosa estendendo as duas asas.

- Perfeito! – declarou Sabetudo. – Vamos repetir tudo mais uma vez.

- Pelos bigodes do rodovalho! Deixa-a voar de uma vez! – exclamou Barlavento.

- Lembro-lhe que sou eu o responsável técnico do voo! – respondeu Sabetudo. – Tudo tem de estar convenientemente garantido, pois de contrário as consequências podem ser terríveis para a Ditosa. Terríveis!

- Tem razão. Ele sabe o que está a fazer – opinou Secretário.

- É exactamente o que eu ia miar – respingou Colonello. – Alguma vez deixará você de me tirar os miados da boca? (...)

- Pronta para a descolagem! – ditou Sabetudo.

- Pronta para a descolagem! – anunciou Ditosa.

- Comece o percurso pela pista empurrando para trás o chão com os pontos de apoio A e B – ordenou Sabetudo.

Ditosa começou a avançar, mas lentamente, como se patinasse sobre rodas mal oleadas.

- Mais velocidade! – exigiu Sabetudo.

A jovem gaivota avançou um pouco mais veloz.

- Agora estenda os pontos C e D! – ensinou Sabetudo.

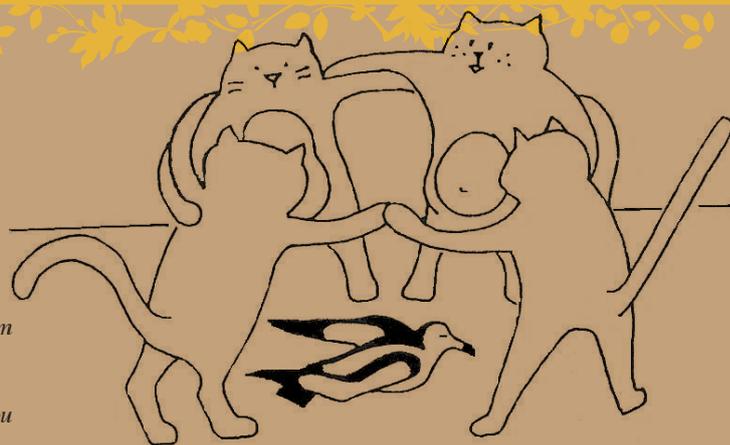
Ditosa estendeu as asas e continuou a avançar.

- Agora levante o ponto E! – ordenou Sabetudo.

Ditosa levantou as penas da rabadilha.

- E agora mova de cima para baixo os pontos C e D para empurrar o ar para baixo e simultaneamente encolha os pontos A e B! – ensinou Sabetudo.

Ditosa bateu as asas, encolheu as patas, ergueu-se uns palmos no ar, mas



caiu logo como um fardo.

De um salto, os gatos desceram da estante e correram para ela. Estava com os olhos cheios de lágrimas.

- Sou uma inútil! Sou uma inútil! – repetia ela, desconsolada.

- Nunca se voa à primeira tentativa, mas vais conseguir. Prometo-te – miou Zorbas lambendo-lhe a cabeça.

Sabeetudo tentava encontrar o erro, revendo uma vez e outra a máquina de voar de Leonardo.

> Conhecimentos (saber), competências (saber fazer) e atitudes (ser): um todo que se complementa...

> A experiência é primordial na educação e formação do adulto...

Dezassete vezes tentou Ditoso levantar voo, e dezassete vezes acabou no chão depois de ter conseguido elevar-se uns poucos centímetros. (...) Depois do último fracasso, Colonello decidiu suspender as tentativas, pois a sua experiência dizia-lhe que a gaivota começava a perder a confiança em si mesma, e isso era muito perigoso se de verdade queria voar.

- Talvez não o possa fazer – opinou Secretário. – Se calhar viveu tempo demais connosco e perdeu a capacidade de voar.

- Seguindo as instruções técnicas e respeitando as leis da aerodinâmica, é possível voar. Não se esqueçam de que está tudo na enciclopédia – apontou Sabeetudo.

- Pelo rabo da raia! – exclamou Barlavento. – Ela é uma gaivota e as gai-votas voam!

- Tem que voar. Prometi-o à mãe e a ela. Tem que voar – repetiu Zorbas.

- E o cumprimento dessa promessa obriga-nos a nós todos – recordou Colonello.

- Reconheçamos que somos incapazes de a ensinar a voar e que temos que procurar auxílio para além do mundo dos gatos – sugeriu Zorbas.

- Mia claramente, caro amico. Aonde é que queres chegar? – perguntou Colonello, sério.

- Peço autorização para quebrar o tabu pela primeira e última vez, na minha vida – solicitou Zorbas fitando os seus companheiros nos olhos.

- Quebrar o tabu! – miaram os gatos tirando as garras de fora e eriçando os lombos.

«Miar a língua dos humanos é tabu». (...)

Longas horas durou a reunião dos gatos à porta fechada. Longas horas durante as quais Zorbas se deixou ficar deitado junto da gaivota, que não escondia a tristeza por não saber voar.

Era já noite quando terminaram. Zorbas aproximou-se deles para conhecer a decisão.

- Nós, gatos do porto, autorizamos-te a quebrar o tabu só desta vez. Miarás apenas com um humano, mas antes decidiremos entre todos com qual deles – declarou Colonello solenemente.

> Aquilo que se desconhece transforma-se, muitas vezes, em tabu...

> Reconhecer a incapacidade e procurar soluções...

> Há decisões difíceis de tomar...

- Mia, gato – disse o humano, e Zorbas contou-lhe a história da gaivota, do ovo, de Ditoso e dos infrutíferos esforços dos gatos para a ensinarem a voar.

- Podes ajudar-nos? – quis saber Zorbas quando terminou o seu relato.

- Acho que sim. E esta noite mesmo – respondeu o humano.

- Esta noite mesmo? Tens a certeza? – inquiriu Zorbas.

- Olha pela janela, gato. Olha para o céu. Que vês? – convidou o humano. (...)

- Tenho medo – grasnou Ditoso.

- Mas queres voar, não queres? – miou Zorbas.

Do campanário de São Miguel via-se toda a cidade. A chuva envolvia a torre de televisão e, no porto, as gruas pareciam animais em repouso.

- Olha, ali vê-se o bazar do Harry. Estão ali os nossos amigos – miou Zorbas.

- Tenho medo! Mamã! – grasnou Ditoso.

Zorbas saltou para o varandim que protegia o campanário. Lá em baixo os automóveis moviam-se como insectos de olhos brilhantes. O humano pegou na gaivota nas mãos.

- Não! Tenho medo! Zorbas! Zorbas! – grasnou ela dando bicadas nas mãos do humano.

- Espera! Deixa-a no varandim – miou Zorbas.

- Não estava a pensar atirá-la – disse o humano.

- Vais voar, Ditoso. Respira. Sente a chuva. É água. Na tua vida terás muitos motivos para ser feliz, um deles chama-se água, outro chama-se vento, outro chama-se sol e chega sempre como recompensa depois da chuva. Sente a chuva. Abre as asas – miou Zorbas. (...)

- Voa! – miou Zorbas estendendo uma pata e tocando-lhe ao de leve.

Ditoso desapareceu da sua vista, e o humano e o gato temeram o pior. Caíra como uma pedra. Com a respiração em suspenso assomaram as cabeças por cima do varandim, e viram-na então, batendo as asas. (...)

- Estou a voar! Zorbas! Sei voar! – grasnava ela, eufórica, lá da vastidão do céu cinzento.

O humano acariciou o lombo do gato.

- Bem, gato, conseguimos – disse ele suspirando.

- Sim, à beira do vazio compreendeu o mais importante – miou Zorbas.

- Ah, sim? E o que é que ela compreendeu? – perguntou o humano.

- Que só voa quem se atreve a fazê-lo – miou Zorbas.

> Também a fé é uma “decisão” muito pessoal...

> Atreve-te...

Falei-vos do perigo de ficarmos pela história e não chegarmos ao cerne da reflexão. Quero alertar-vos agora para um outro perigo: o relativismo. Em qualquer momento e espaço de partilha e reflexão há que garantir um referencial credível que vá balizando as diversas opiniões. E no final há que fazer uma síntese conclusiva, não deixando pontas soltas. Verbalizar os pensamentos, escutar outros pontos de vista, confrontar opiniões e convicções, questionar-se, deixar-se interpelar, interiorizar... tudo isto ajuda a crescer, a educar, a formar. E não são precisos muitos recursos. O essencial está nas pessoas. Há que lhes dar espaço...

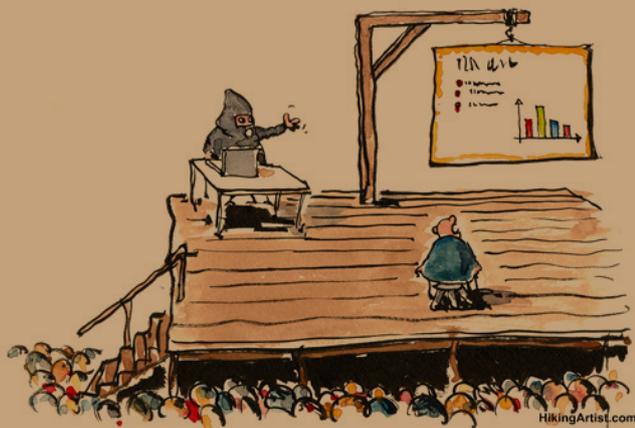
Boas leituras.

Bons momentos.

Técnicas Mortos pelo PPT!

Nuno Silva
Grilo falante

“O Powerpoint permite que oradores finjam que estão a dar uma verdadeira palestra e que a audiência finja que está verdadeiramente a ouvir”
Edward Tufte



Todos os dias são produzidos milhões de apresentações em PowerPoint (PPT), para os mais diversos fins. A formação é um dos seus mais fecundos territórios e raro é o formador que não se socorre destes para transmitir os seus conteúdos. No entanto, poucos são os que realmente sabem elaborar e utilizar uma apresentação em PPT, esquecendo-se de qual a finalidade dos slides e do porquê da existência de uma projecção de informação. Os exemplos são diários e a nossa associação não está imune. Basta olhar para alguns daqueles que já visualizamos: imensa informação, letras pequenas, inúmeras ‘marcas’, frases corridas, gráficos pouco transparentes e, acima de tudo, muitos, muitos, muitos slides por Unidade de Formação.



Uma das mais famosas exemplos de uma péssima apresentação em PPT, é do próprio Bill Gates!

Antes de elaborarmos as nossas apresentações convém compreender um pouco a mente humana e a forma como esta conhece, acede e retém a informação. Se não o fizermos, corremos o risco de estar a prejudicar a nossa formação, impossibilitando mesmo os nossos formandos de acederem aos conteúdos que estamos a querer transmitir!

Proponho-vos, então, uma pequena viagem à mente humana e a sua relação com as nossas apresentações. E sim, estamos a entrar no domínio da Ciência Cognitiva e na Ergonomia da Aprendizagem!

A nossa mente apreende informação essencialmente pela via visual e auditiva. Uma mente, duas entradas! E a nossa mente tem muita dificuldade em prestar atenção a muitos detalhes ao mesmo tempo. São os limites naturais da nossa percepção! No caso visual, a nossa memória operativa apenas consegue reter um pequeno número de palavras e de texto. Se, acima disso, incluímos um discurso, o mais natural é que a nossa mente ponha a atenção no discurso e se “afaste” da apresentação (do PPT)! Ou, caso o orador seja muito monocórdico ou se limite a repetir a informação que já está disponível visualmente, o nosso foco atencional centra-se na parte visual e dispensa a auditiva (ou seja, o formador torna-se dispensável).

Acresce a tudo isto que, como tão bem o sabemos, o ser humano aprende mais facilmente e de forma mais permanente quando “age”, ou seja, quando participa numa actividade que posteriormente lhe serve de aprendizagem.

O ser humano aprende mais pela experiência e pela descoberta do que pela recepção da informação. Ora, visto isto, a pergunta que se impõe é a seguinte: Será o PPT realmente necessário para a minha unidade de formação? Não o poderei eu substituir por outro recurso (ou método pedagógico) mais “activo”?

Se a resposta é não, se temos mesmo de fazer um PPT, então devemos ter em conta 5 princípios:

1. Sinalização: As pessoas aprendem melhor quando os conteúdos estão organizados e resumidos com títulos ou pequenas frases.

- Cada um dos seus slides deve ter um “título” ou uma “frase chave” (com um verbo activo e um sujeito) que sintetize todo o slide! (e em letras bem grandes - nunca menos de 40pts);
- Caso tenha dificuldades, mostre o seu slide a alguém e peça-lhe para o resumir numa frase... aí tem o seu “título”!
- O resto da informação não deve ter “fonts” com tamanho inferior a 20pts. Abaixo deste valor é crime!
- Tenha apenas 2 tipos de “fonts” no conjunto dos seus slides. Se quer evidenciar alguma coisa, utilize outra cor ou aumente o tamanho! Não faça “wordarts” coloridos e ondulados... por favor!

2. Segmentação: As pessoas aprendem melhor se a informação for dividida em partes.

- Divida a informação que tem no seu slide em vários slides. Nunca tenha mais de 1 assunto por slide e mais de 3 ideias chave.
- Caso veja que o seu slide está muito preenchido ou se vai demorar muito a explorá-lo em sala, isso normalmente significa que o pode (e deve) dividir em mais slides!
- Crie uma “narrativa” para o conjunto dos seus slides. Imagine uma história, comece com uma curiosidade ou com estatísticas importantes. Desenvolva a história e faça uma conclusão. Tente acabar com um facto memorável!
- Um bom truque é, ao ir elaborando os seus slides, de vez em quando ver os mesmos no formato “slide sorter” (e assim ter uma panorâmica geral de toda a apresentação - da história)
- Aproveite para criar surpresas no meio dos seus slides! Um filme, uma história pessoal, uma curiosidade (desde que a propósito) ficam sempre bem.

3. Modalidade: As pessoas aprendem melhor se a informação e a explicação forem dadas oralmente em vez de ser em texto corrido.

- Utilize as “máscaras” para ir desvendando o que vai dizer (ao invés de mostrar logo todo o texto), mas cuidado com as “entradas” e as “animações”. Opte por animações sóbrias e sem som! Tudo o que for a mais distrai em vez de ajudar a concentrar.
- Nunca leia os seus slides em voz alta nem se volte para o écran (para não se perder, pode ir olhando para o monitor que está virado para o grupo).
- Nunca, mas mesmo nunca, quebre a regra das 6 linhas por slide e das 6 palavras por linha!



4. Multimédia: As pessoas aprendem melhor com palavras e imagens do que só com palavras.

- Coloque apenas uma imagem por slide (sugestiva e bem grande). Evite os cliparts que todos já conhecemos pois deixam transparecer falta de criatividade e de empenho (sim, os do Toonman também!).
- Sempre que possível substitua texto por imagens ou por gráficos. Pode fazer os seus próprios gráficos com o auxílio do próprio PPT!
- No entanto, evite gráficos muito confusos, complexos ou com muita informação! Se tiver mesmo de os mostrar, então tire cópias dos gráficos (e não de toda a apresentação) e entregue-as, na altura em que os vai analisar, aos formandos! Mostra empenho, seriedade e facilita a leitura dos mesmos.
- Cuidado com os fundos e com as cores das letras. Um bom truque é procurar cores com um ângulo de 90º no círculo cromático. Evite fundos com cores escuras e letras mais claras, pois cansam mais e tendem a saturar a vista.
- Evite os "templates" (modelos) disponíveis por defeito no PPT. Toda a gente os conhece e, regra geral, a sua qualidade pedagógica não é a melhor!

5. Coerência: As pessoas aprendem melhor quando o que é acessório é eliminado em vez de incluído!

- Ou seja, escreva sempre por tópicos! Quase sempre basta uma palavra ou uma frase para sistematizar o que quer dizer (e para se lembrar que tem de o dizer). O resto das explicações deve ser o formador a dar e não precisam de estar escritas (os formandos sabem ler, sabiam?!).
- Remova, portanto, tudo o que não é essencial dos seus slides (definições, textos corridos, explicações, conceitos, etc.). Se vai colocar tudo aquilo que sabe, vai sobrecarregar as suas apresentações e sobrecarregar a capacidade perceptiva dos seus formandos.
- Evite as sucessivas hierarquias de "Bullets and numbers" (marcas e numerações). Confundem e não são claras!

Boring, generic title (4)

- **I am writing down everything I could possibly say about this slide**
- **Resulting in me reading all the text out loud**
 - But hey, that also means I do not have to make any contact whatsoever with my audience.
 - Yippeee!
 - Shit, is my fly open? I feel a breeze
 - Why is that guy yawning over there?
 - I just love the Arial font, don't you?
 - I'm glad my secretary found this standard background, it is just so pretty to look at.
- **Could this possible get more lame?**
 - No, probably not.
 - I should insert a joke, but I wouldn't know where to find one on the internet
 - If I bore everyone long enough, there will be no room for questions
 - The idea of interaction just made me pee in my pants
- **I hope no one notices I actually wish I was dead**
- **I've just forgotten my name...**
- **Oh well, only 50 more minutes of this**

Como não deve ser um slide!

Em jeito de conclusão, não caia na tentação da "powerdocumentation"... não queira transformar um precioso (e poderoso) auxiliar visual num conjunto de informação a dar aos seus formandos no final da sua sessão (estilo champô 2 em 1). Não se esqueça de que quem tem de "explicar" é o formador. Ao PPT cabe sistematizar e facilitar!

Nunca se esqueça de que a frase "Less is more" está para o PPT, como a frase "Ask the Boy" está para o escutismo! Quanto mais simples, menos cores, menos fonts, menos imagens, menos informação e quanto menos PPTs melhor!

Ah, e nunca distribua os "handouts" (folhetos com os slides das suas apresentações) antes da sua sessão! Caso contrário o efeito surpresa e a narrativa ficam comprometidos (e também as piadas que, irresistivelmente, gostamos de colocar a meio dos slides!)

Aproveito para vos deixar um vídeo imperdível dos extraordinário Don McMillan. Será que reconhecem algum dos vossos slides?

<http://vids.myspace.com/index.cfm?fuseaction=vids.individual&videoid=4341801#>

Bibliografia

ATKINSON, Cliff and MAYER, Richard E.; Five ways to reduce PowerPoint overload; 2004; Disponível online em www.sociablemedia.com
 TUFTE, Eduard R; *Beautiful Evidence*, Graphics Press, 2006
 TUFTE, Eduard R; *The Cognitive Style of PowerPoint*, Graphics Press, 2003



Sentinela

Ano Europeu do Voluntariado

Matilde Santos
Mocho paciente

Pode fazer pouco sentido falar de voluntariado aqueles que integram o CNE – a associação com o maior número de voluntários permanentes. Pode ser até caricato falar de voluntariado aqueles que, sendo voluntários na educação, educam no voluntariado. Por isso, não vamos falar de voluntariado. Mas faz-nos sempre bem ter presente os prumos [instrumento que serve para medir a verticalidade ou a profundidade] que definem o voluntariado.

Aqui ficam alguns...

> Ser voluntário é pormos ao serviço do outro o nosso todo. O outro precisa de nós na nossa totalidade: o nosso saber, o nosso tempo, as nossas competências, os nossos recursos, os nossos afectos, as nossas orações.

> Ser voluntário é tornarmo-nos próximos e presentes na vida do outro que precisa de nós. E isto só se consegue com envolvimento e compromisso, através de um jogo criativo com a dimensão tempo.

> Ser voluntário é sermos pro-activos na edificação de projectos comuns e na procura de soluções que visem o bem de todos, sem ficarmos à espera de entidades que tardam em responder.

> Ser voluntário torna-nos especialistas em humanidade e semeadores de esperança.

A dádiva do nosso todo e sempre que o outro precisa, aqui e agora, traduzir-se-ão um dia em plenitude e eternidade. Porque "... se não tiver caridade, nada sou." (1 Cor 13, 2)

Enquanto voluntários na educação, educamos no voluntariado, e a par do nosso testemunho temos esse "instrumento" fabuloso chamado Boa Acção que, bem utilizado, faz "milagres de amor".



faz a diferença!

2011 Ano Europeu do Voluntariado

"É o que a pessoa faz,
mais do que o que tem,
que a faz sentir-se cidadã."

Davidson, A. (1997)



Exemplos que funcionam

Uma experiência de protocolo...

Lurdes Gameiro
Pantera ligeira

Hoje, mais do que nunca, temos de rentabilizar os recursos existentes e ajudar os outros a encontrar soluções para as suas dificuldades.

Neste âmbito, desde o ano de 1997, as Regiões de Leiria, Portalegre e Castelo Branco e Santarém têm vindo a desenvolver um trabalho conjunto e de parceria na realização de vários Cursos de Formação. Durante este tempo de protocolo, que já é bastante longo (cerca de 12 anos), tem havido momentos de bom trabalho, mas também de algumas dificuldades. O trabalho conjunto destas três Regiões tem permitido realizar todos os anos cursos em sistema de rotatividade (CAP I e II, num ano; CAP III e CAP IV, no ano seguinte e CAL, posteriormente). As dificuldades sentidas são essencialmente a falta de recursos humanos (Directores de Formação e Formadores) e as especificidades de cada Região. No entanto, essas dificuldades têm sido ultrapassadas com esforço e mútua cooperação. De realçar o esforço feito pelas Regiões que du-

rante estes anos tiveram várias Equipas nas Juntas Regionais e mantiveram sempre o protocolo existente.

De forma a organizar os procedimentos a ter nos Cursos, os Secretários Regionais dos Adultos das três regiões reúnem-se com regularidade para tomar as decisões necessárias. No final do ano escutista reúnem-se para avaliar os Cursos que se realizaram nesse ano e preparar o ano escutista seguinte: os Cursos que iremos realizar; as datas da realização dos Cursos para serem apresentadas no Conselho Regional, de cada Região; os Directores dos Cursos e respectivas Equipas de Formadores com elementos das três Regiões; os custos dos Cursos; e os locais das sessões presenciais e do acampamento. No início do ano escutista realiza-se novamente uma reunião, com a presença dos Directores dos Cursos, para acerto de pormenores e depois os SRA delegam as funções aos Directores do Curso que reúnem com as suas Equipas. O local escolhido para as sessões presenciais é normalmente em Fátima e o local do Acampamento é rotativo pelas várias Regiões.

No presente ano escutista está a fazer-se em regime experimental um Curso de Aprofundamento Pedagógico (CAP) das quatro secções, que depois se subdivide nas diferentes secções. Os módulos do tronco comum são realizados em conjunto e depois divide-se o grupo pelas secções. A implementação desta nova dinâmica teve a ver com o facto de este ano estarmos a efectuar nos Agrupamento a introdução do Novo Programa Educativo. Parece-nos que será um momento importante de evolução do CNE e como tal os dirigentes necessitam de estar preparados e formados para a sua implementação. Também é uma forma de rentabilizar e organizar os recursos de Formadores.

É de referir que esta experiência de protocolo tem sido bastante frutífera e rentável, e é uma forma de fomentarmos a cooperação e interajuda entre as Regiões. Não é um protocolo perfeito, mas um protocolo funcional e ajustado às necessidades das várias Regiões. Juntem-se e experimentem!

Oportunidades de Formação

SER, AGIR, ACONTECER



Pedro Duarte Silva
Secretário Nacional Pedagógico

A formação tem oportunidades e há oportunidades de formação que não se devem perder... Ser, Agir, Acontecer, curiosa sucessão de três verbos, é uma delas!

«Ser, Agir, Acontecer – Escutismo e Desenvolvimento Comunitário» é o título e tema de mais um Seminário Regional da Região do Porto, pela segunda vez consecutiva organizado em parceria com a Secretaria Nacional Pedagógica.

A Missão do Escutismo é contribuir para a educação de crianças e jovens... e esse é o seu maior contributo em termos de desenvolvimento comunitário, na medida em que contribui para dotar a comunidade de cidadãos realizados, atentos e intervenientes nos mais diversos campos da vida em comunidade.

Mas, uma das peculiaridades do Escutismo, aliás bem expressa no lema adoptado neste ano de 2011 em que se celebra o Ano Europeu do Voluntariado - «Voluntários na Educação, Educamos para o Voluntariado», é que o Escutismo, ao promover esse desenvolvimento comunitário pela educação fá-lo igualmente deixando outras – e bem importantes – marcas na comunidade, na medida em que envolve as crianças e – sobretudo – os jovens em acções concretas junto das comunidades, tornando-os desde logo actores intervenientes no desenvolvimento das suas comunidades.

Esta é a perspectiva que este Seminário pretende este ano realçar: o papel que o Escutismo, através das suas Unidades e Agrupamentos, tem no desenvolvimento comunitário. Que fazer, como se faz e o que tem sido feito serão três abordagens presentes nestes dois dias de traba-

lhos, a ocorrer a 12 e 13 de Março, no Fórum da Maia, Região do Porto.

Com oradores escutistas e não escutistas, com a presença de escuteiros estrangeiros e nacionais a apresentar os seus projectos, com uma exposição de projecto, Ser, Agir, Acontecer será sem dúvida uma excelente oportunidade formativa para Caminheiros e Dirigentes em geral, mas também para Formadores, pessoas para quem a actualidade, profundidade e diversidade da (in)formação é vital para o bom desempenho da sua missão pessoal.

Ser, Agir, Acontecer traduz bem a postura do Escuteiro e do Escutismo na Comunidade, na medida em que caracteriza os três eixos fundamentais daquela postura: a Identidade, a Atitude e o Impacto. Como um dia escreveu Pessoa: Deus quer, o Homem sonha, a Obra nasce...

Ser, Agir, Acontecer... Vemo-nos por lá!

PROGRAMA

Sábado, 12 de Março

14h00	Inscrição/Check-in
14h30	Oração e Abertura
15h30	Ser, Agir, Acontecer [Conferência]
16h30	Escutismo e Desenvolvimento Comunitário [Apresentação]
17h00	Intervalo
17h30	Projectos Internacionais de Desenvolvimento Comunitário [Painel]
19h30	Jantar
21h00	Festa da Comunidade

Domingo, 13 de Março

09h00	Projectos Nacionais de Desenvolvimento Comunitário [Painel]
10h30	Fases de implementação de um projecto Comunitário I [Apresentação]
11h30	Intervalo
12h00	Fases de implementação de um projecto Comunitário II [Apresentação]
13h00	Almoço
14h30	Workshops
16h00	Intervalo
16h30	Eucaristia/Encerramento



Depoimentos de Formadores

Quatro perspectivas sobre o Curso de Gestão da Formação

Fernando Andrade
Lobo malhado

A dimensão simbólica no curso

"No princípio quando Deus criou os céus e a terra...". E a narração prossegue, "ao terceiro dia, Deus disse que a terra se cubra de verde". Ao quarto dia povoou os mares. E a narração prossegue. E apareceu Caim e Abel e o Senhor preferiu as ofertas de Abel, o pastor. E continua a história. E um tal Nazareno disse: "Vinde comigo e Eu farei de vós pescadores de homens". E a história prossegue. E prossegue até hoje. Se calhar vocês até conhecem a história. Estou certo que já ouviram falar, é a História da Salvação, onde todos nós, os baptizados, somos simultaneamente: semeadores, pastores, pescadores e testemunhas. No CNE a História da Salvação é cada vez mais uma história a contar e todas as oportunidades, inclusive, e, principalmente, na formação, ela deve estar presente. Como tal testemunho que ela esteve presente no Curso de Gestão da Formação realizado nos passados dias 15 e 16 de Janeiro em Fraião.

Foi delicioso ver como os Semeadores conheciam o seu mester regalando-nos com uma panóplia de sementes sempre fontes de esperança (o pão efectivamente era bom). Os Pastores, mais livres, caminhando por caminhos da formação possíveis e menos comuns (que regalo de queijo serrano) ou os Pescadores lançando sempre as redes tentando pescar e saborear os "peixes" da formação. Não sei se pescaram 153 peixes como no Evangelho, mas não há dúvida que a pesca foi muito boa para quem participou. Regalem-se com algumas fotos.

José Carlos Pinheiro
Mocho peregrino

Adequação do curso aos participantes

Pois é...

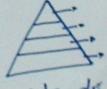
De facto, no dito fim-de-semana, semeamos; pastoreamos e pescamos! Nada que não possamos acometer aos Formadores do CNE!

Estivemos presentes 17 formadores, cujas origens por Região foi a seguinte: Açores, Aveiro, Braga, Lisboa, Madeira e Porto.

O Curso, constituído por cinco módulos, centrou-se e pretendeu analisar e encontrar respostas à Gestão da Formação no CNE. Durante o fim-de-semana trabalhamos os conteúdos sobre "A Educação e Formação de Adultos (EFA): Particularidades do CNE", "Políticas de Qualidade nos processos de EFA do CNE", "Gestão de Processos de EFA: análise de necessidades e desenho da oferta", "O Impacto da EFA no CNE e o retorno do investimento" e "A EFA enquanto factor crítico de desenvolvimento".

Certamente que estas questões são muito caras a quem desempenha funções de gestão de Adultos nos diversos níveis do CNE, mas não são menos importantes para os Formadores, em geral, já que na preparação e realização de acções de formação, os factores expressos nos módulos referidos não podem ser descurados, sob pena de não darmos respostas tanto ao CNE como ao Adulto.

Sem dúvida que valeu a pena Semear, Pastorear e Pescar, pois os conteúdos dão, concerteza, respostas e apontam perspectivas claras na gestão da Educação e Formação dos Adultos no CNE.

	PEDAGOGIA	ANDRAGOGIA
Papel da Experiência	• Vivência de experiências	• Posição da Experiência e tirar partido dela
Vontade de Aprender	• Despertar a vontade de aprender pelo JOGO	• É proporcional à necessidade, à orientação de formação, à possibilidade de aplicação e ao reconhecimento.
Orientação da Aprendizagem	• Direccionada pelo adulto	• Orientada pelo cargo ou função e pela vocação
Motivação	• JOGO • Aventura • Descoberta •	 Pirâmide de Necessidades



Há oportunidades que não se devem
perder por coisa nenhuma.
Esta foi uma delas!



Matilde Santos
Mocho paciente

A exequibilidade dos conteúdos do curso

Por exequibilidade entende-se, de acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia de Ciências de Lisboa, o que pode ser realizado, concretizado, executado. E é isso que qualquer participante num curso ou outro espaço de formação espera: que os conteúdos sejam "solução" para os problemas que enfrenta e facilite e melhore a prática escutista.

Embora a designação dos módulos possa fazer parecer o contrário, o facto é que trabalhamos sobre princípios simples e básicos que devem fazer parte da "rotina" de qualquer gestor da formação no CNE. Além de simples e básicos, são perfeitamente possíveis de serem aplicados na nossa formação. De forma a que não fiquem dúvidas, aqui ficam alguns desses princípios: «os adultos aprendem com experiências reais», «a publicitação dos resultados da formação pode ajudar a melhor a percepção da qualidade da formação prestada», «o levantamento das necessidades de formação visa essencialmente diagnosticar o tipo de situações que podem ser ultrapassadas com a formação», «a avaliação da formação tem de ir mais além da mera avaliação de satisfação dos nossos cursos», «a par do programa educativo, dos valores, dos recursos, os adultos são um factor crítico de desenvolvimento do CNE», entre outros.

E o mais curioso é que alguns destes princípios até nem são novidade para nós Formadores; e isto não retira qualquer validade ao curso. Voltarmos a eles na perspectiva da gestão da formação e em tempos de renovação do Sistema de Formação do CNE foi não só muito útil como muito oportuno. Princípios simples, básicos e exequíveis: o que nos distancia da sua aplicação efectiva na formação do CNE? A resposta cabe a cada um. Tenhamos coragem para responder.

Carlos Nobre
Castor inteligente

As cores com que eu vi o curso

A realidade não é a preto e branco, dizemos tantas vezes! E assim é, de facto...

Todos os participantes no Curso de Gestão da Formação no CNE puderam verificar toda uma variedade de cores ao longo deste curso. As cores estiveram sempre presentes ou não seja "às cores" a vida, como às cores foram as três patrulhas e as suas simbologias, como às cores foi a avaliação final. Desde logo porque os Semeadores usaram mais cores neutras como o castanho da terra, ou os tons esbatidos das sementes ou ainda dos seus frutos. Mas também nos fizeram acompanhar com as cores do pão, das compotas e com a incolor e casta água...

Os Pastores trouxeram uns certos tons de verde, mais imaginado do que presente, completado pelo branco das lãs das ovelhas ou dos castanhos mais vivos das peles dos lobos, isto para não referir a cândida tonalidade dos queijos...

Os Pescadores não levaram o mar azul! Mas levaram tudo o resto, desde as redes em tons de castanho vivo, diversos instrumentos de pesca, algas, e peixes, muitos peixes e o sal puro...

A quem é que estas cores não despertam outros sentidos? Não foram só cores que vi no curso. Vi também cheiros, sabores, paladares, sons e outras experiências sensoriais nos temas, nos trabalhos, nas orações, nos convívios, nas partilhas de experiências, nas competentes apresentações, nos saberes capazes de proporcionar reflexões e discussões, no apontar de novos caminhos.

Cores que estiveram sempre presentes nas patrulhas e na equipa de formação, que vieram da terra húmida, dos prados, do mar, do pão, dos animais, dos peixes, da brisa serena ou da tempestade imensa das nossas discussões e participação, para terminarem num azul suave, acolhedor e gratificante, que apenas com uma excepção coloriu a avaliação do curso como muito boa.



Excertos...

José Carlos Pinheiro
Mocho peregrino

Amados Irmãos e Irmãs,

«Está escrito no Livro dos Salmos: [...] receba outro o seu cargo. É necessário, portanto, que [...] um se torne connosco testemunha da ressurreição» (Act 1, 20-22). Assim falou Pedro, lendo e interpretando a palavra de Deus no meio de seus irmãos, reunidos no Cenáculo depois da Ascensão de Jesus ao Céu. [...] A «desproporção» de forças em campo, que hoje nos espanta, já há dois mil anos admirava os que viam e ouviam a Cristo. Era Ele apenas, das margens do Lago da Galileia às praças de Jerusalém, só ou quase só nos momentos decisivos: Ele em união com o Pai, Ele na força do Espírito. E todavia aconteceu que por fim, pelo mesmo amor que criou o mundo, a novidade do Reino surgiu como pequena semente que germina na terra, como centelha de luz que irrompe nas trevas, como aurora de um dia sem ocaso: É Cristo ressuscitado. E apareceu aos seus amigos, mostrando-lhes a necessidade da cruz para chegar à ressurreição. [...]

Nada impomos, mas sempre propomos, como Pedro nos recomenda numa das suas cartas: «Venerai Cristo Senhor em vossos corações, prontos sempre a responder a quem quer que seja sobre a razão da esperança que há em vós» (1 Ped 3, 15). E todos afinal no-la pedem, mesmo quem pareça que não. Por experiência própria e comum, bem sabemos que é por Jesus que todos esperam. [...] Mas, se esta certeza nos consola e tranquiliza, não nos dispensa de ir ao encontro dos outros. Temos de vencer a tentação de nos limitarmos ao que ainda temos, ou julgamos ter, de nosso e seguro: seria morrer a prazo, enquanto presença de Igreja no mundo, que aliás só pode ser missionária, no movimento expansivo do Espírito. Desde as suas origens, o povo cristão advertiu com clareza a importância de comunicar a Boa Nova de Jesus a quantos ainda não a conheciam. [...]

O campo da missão *ad gentes* apresenta-se hoje notavelmente alargado e não definível apenas segundo considerações geográficas; realmente aguardam por nós não apenas os povos não-cristãos e as terras distantes, mas também os âmbitos socioculturais e sobretudo os corações que são os verdadeiros destinatários da actividade missionária do povo de Deus.

Trata-se de um mandato cuja fiel realização «deve seguir o mesmo caminho de Cristo: o caminho da pobreza, da obediência, do serviço e da imolação própria até à morte, de que Ele saiu vencedor pela sua ressurreição» (Conc. Ecum. Vaticano II, Decr. *Ad gentes*, 5). Sim! Somos chamados a servir a humanidade do nosso tempo, confiando unicamente em Jesus, deixando-nos iluminar pela sua Palavra: «Não fostes vós que Me escolhestes; fui Eu que vos escolhi e destinei, para que vades e deis fruto e o vosso fruto permaneça» (Jo 15, 16). Quanto tempo perdido, quanto trabalho adiado, por inadvertência deste ponto! Tudo se define a partir de Cristo, quanto à origem e à eficácia da missão: a missão recebemo-la sempre de Cristo, que nos deu a conhecer o que ouviu a seu Pai, e somos nela investidos por meio do Espírito na Igreja. Como a própria Igreja, obra de Cristo e do seu Espírito, trata-se de renovar a face da terra a partir de Deus, sempre e só de Deus!

Despertaram-te interesse estes excertos?

De que livro terão sido retirados?

No próximo número daremos a resposta.

Até lá, procura por ti mesmo!

Correio 25º CI 2010

José Vicente
Pantera leal
Correspondente da Região dos Açores



No dia 14 de Novembro e dando cumprimento ao Plano de Actividades aprovado no último Conselho de Núcleo, realizou-se o 25º CI.

“O Curso de Introdução (CI) constitui uma etapa preparatória da formação de Dirigentes. Pretende sensibilizar os seus participantes, atraindo-os para o Movimento, dando-lhes uma visão geral do Escutismo de hoje e da sua realidade internacional, nacional e regional, bem como iniciá-los nas grandes linhas da pedagogia, simbólica e linguagem próprias do Escutismo.

Visa ainda esclarecer quanto às exigências em termos pessoais ao nível da postura, exemplo, testemunho, da disponibilidade física e interior, no sentido de os ajudar a, de uma forma consciente, optarem ou não pelo Escutismo.”

Tivemos connosco a Diana e o Luis do 720 do Nordeste, o Daniel do 1065 do Ginetes e a Diana e o Bruno do 800 de Capelas.

O Director do Curso foi o chefe José Luis Vicente, tendo a candidata a formadora e dirigente Cecília Martins partilhado as tarefas do curso.

Aproveitamos a proximidade da Paróquia de Santa Clara, onde é pároco o nosso Assistente de Núcleo, Padre Norberto, para participarmos na missa dominical.

Da avaliação final, feita pelos formandos, destacamos o facto de terem reconhecido o interesse dos ensinamentos e da sua utilidade para a sua vida futura na associação, a camaradagem vivida neste dia e as dinâmicas utilizadas.



CORPO NACIONAL DE ESCUTAS
Escutismo Católico Português



Equipa Nacional dos
Adultos

www.cne-escutismo.pt

GoodyearNEWS

Equipa Goodyear:
Carlos Nobre, Matilde Santos, José Carlos Pinheiro, Fernando Andrade.
Design gráfico: Pedro Botelho

goodyear@cne-escutismo.pt

